

AS REVISTAS FEMININAS JUVENIS NO APRENDIZADO DO CORPO E DA SEXUALIDADE: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS

TEENS MAGAZINES IN THE LEARNING OF BODY AND SEXUALITY ASPECTS: A CONTRIBUTION TO SCIENCE TEACHING

Bartira dos Reis Rocha Cezar¹, Eliane Portes Vargas²

¹ Fundação Oswaldo Cruz/ IOC/Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde, bartirarrcezar@gmail.com

² Fundação Oswaldo Cruz/ I.O.C./ Laboratório em Educação em Ambiente e Saúde (LEAS), epvargas@ioc.fiocruz.br

RESUMO

Neste artigo apresenta-se uma metodologia de abordagem do tema da sexualidade mediante o uso de revistas femininas juvenis como recurso didático em práticas de ensino não-formal com escolares. As revistas *Capricho* e *Atrevida* foram utilizadas em uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro com a participação de alunos do ensino fundamental a partir de estudo desenvolvido no contexto da escola. A elaboração do Plano de Atividade teve por objetivo contribuir com os educadores para uma abordagem ampliada da Educação Sexual neste contexto. Trata-se de tema transversal no âmbito do Ensino de Ciências e da Saúde. O estudo centrou-se na perspectiva dos jovens e aspectos subjetivos da sexualidade. As dúvidas emergentes na atividade se articularam às mensagens das revistas mediante a leitura crítica dos discursos sociais em circulação nestes produtos culturais. A metodologia aplicada está ancorada em análises de perspectiva socioantropológica e Estudos de Recepção em Comunicação oferecendo possibilidades de análise das construções sobre corpo, gênero e sexualidade entre os jovens escolares mediadas pelas revistas.

Palavras-chave: Sexualidade; Educação não-formal, Ensino de Ciências.

ABSTRACT

This paper presents a methodology on the use of female juvenile magazines as a teaching resource for non-formal education with schoolchildren. The magazines *Capricho* and *Atrevida* were used in a public school in the State of Rio de Janeiro with the participation of elementary school students from a study developed in the context of the school. The preparation of the Activity Plan aimed to contribute to educators for an expanded approach of Sexual Education in such school contexts. It is a cross-cutting theme in the Teaching of Sciences and Health. The study focused on the youngsters' perspectives and on subjective aspects of sexuality. The emerging questions in the activity were articulated to messages brought by the magazines through critical reading of social discourses around these cultural products. The methodology is grounded in socio-anthropological analysis and Reception Studies offering possibilities for analysis of constructions concerning body, gender and sexuality among schoolchildren mediated by those magazines.

Key-words: Sexuality; Non-formal Education, Science Teaching.

INTRODUÇÃO

O uso de recursos tecnológicos e didático-pedagógicos têm sido largamente valorizados com o objetivo de despertar o interesse dos alunos sobre os temas abordados a partir das críticas existentes ao ensino, sobretudo ao ensino de ciências, visando à aquisição de conhecimentos científicos sobre o corpo (ALTMANN, 2001; DINIS e CAVALCANTI, 2008; QUIRINO e ROCHA, 2012). De acordo com esta crítica muitas vezes, de um ponto de vista construtivista, estas abordagens desconsideram a participação dos sujeitos em processos em que o ensinar envolve também aspectos relacionados ao aprender. Não se trata da afirmação de uma dimensão em detrimento de outra, mas de reafirmar as relações de interdependência a elas intrínsecas.

O ensino de ciências no Brasil se caracteriza pela interseção de conhecimentos de modo a contemplar e valorizar aspectos sociais e subjetivos que integram os conhecimentos na formação de jovens escolares. As pesquisas que abrangem investigações no âmbito do ensino formal e não-formal das biociências e saúde, estão em consonância com um determinado modo de fazer ciência e sua inserção na sociedade. Várias instâncias têm participado desta iniciativa na construção do conhecimento científico, sendo a escola um espaço privilegiado para o desenvolvimento de propostas não-formais para o ensino de ciências (NARDI e ALMEIDA, 2007). Os canais de comunicação criados pelos cientistas, dentre eles a mídia, “contribuem para formar um imaginário sobre a ciência” (NARDI e ALMEIDA, 2007, p. 214). No entanto, lacunas podem ser observadas sobretudo envolvendo conhecimentos sobre o corpo, a sexualidade e a saúde.

A partir do pressuposto de que a construção da sexualidade não se esgota com uma abordagem que privilegie exclusivamente os conteúdos da Biologia e da Fisiologia do corpo, esta iniciativa visou contribuir para o ensino de ciências considerando a abordagem da sexualidade em sua complexidade cultural, incluindo as percepções esboçadas pelos alunos. Neste artigo temos por objetivo especificamente apresentar o uso das revistas femininas juvenis *Capricho* e *Atrevida* como recurso didático. Bem como as reflexões resultantes de sua aplicação em um contexto de pesquisa, que propiciou algumas aproximações e uma melhor compreensão do processo discursivo envolvendo a iniciação sexual entre jovens escolares de idades entre 12 e 16 anos que

cursavam o 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual localizada na Baixada Fluminense-RJ (CEZAR, 2013). As reflexões acerca do processo de iniciação sexual destes jovens escolares resultaram do desenvolvimento de uma metodologia aqui apresentada voltada ao ensino de ciências, envolvendo questões de sexualidade e prevenção em saúde. Tais questões contemplaram aspectos subjetivos e percepções dos jovens relacionadas ao tema. Demonstrando viabilidade no aproveitamento desta metodologia em demais disciplinas do ensino fundamental. Um dos pontos atualmente discutidos em relação à abordagem do tema da sexualidade nas escolas está relacionado ao fato do despreparo do professor em lidar com o tema (ROHDEN, 2009; BRITZMAN, 2010; GESSER *et al.*, 2012). Dessa forma, se deu uma investigação das revistas femininas juvenis, tais como Capricho e Atrevida levantando indagações, apoiadas nos estudos antropológicos do campo, acerca do que nelas poderia haver de tão interessante sobre sexo que as fazia figurar como relevantes fontes de informação na pesquisa GRAVAD¹. Uma primeira leitura minuciosa de exemplares apontou que grande parte do conteúdo das revistas refere-se a elementos da iniciação sexual das jovens, ainda que sob diferentes enunciados. Através de seus discursos transmitem lições sobre namorar, ficar, primeiro beijo, “primeira vez”, comportamentos e valores do jogo amoroso que permeiam e caracterizam a entrada na vida sexo-afetiva. Todo um aprendizado organizado na e pela cultura, perceptível inclusive nas matérias sobre moda, as quais passavam subliminarmente a mensagem de que a menina deve regular o seu comportamento com o objetivo de obter a aceitação dos meninos, ou ser cobiçada no universo masculino. Esta modelação dos corpos visando a aceitação, como já sabemos, traz consequências diretas em outros planos, como por exemplo, em relação à busca de um corpo ideal muito expressivo no conjunto do material analisado. Deste modo os resultados apresentados visam contribuir para as práticas educacionais no ensino de ciências, formal e não-formal, a ampliação do conhecimento e a oferta de subsídios para uma discussão da sexualidade seus aspectos culturais e sociais, presentes no cotidiano dos jovens que se iniciam sexualmente.

¹ Pesquisa multicêntrica sobre Gravidez na Adolescência que resultou no livro “O aprendizado da Sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros” (HEILBORN *et al.*, Organizadores, 2006).

REFERENCIAIS E PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A construção social em torno da sexualidade aparece nas diferentes formas de socialização vivenciadas por jovens em idade escolar antes mesmo de terem a primeira relação sexual. Identificados na literatura como marcos da vida amorosa o *namoro* e o *ficar* estruturam uma cultura sexual, pautadas pelas diferenciações de gênero. Os saberes e representações construídas em torno das práticas sexuais estão sujeitas a diferenças culturais que historicamente demonstram sofrerem reelaborações (HEILBORN, 2006; BOZON, 2004). A perspectiva construtivista da sexualidade nos permite compreender como as diferenças de gênero, as percepções e cuidados sobre seus corpos e sexualidades podem ser construídas e desconstruídas na educação sexual dos jovens. Nesse sentido, de acordo com Bozon *et al.* (2006), no cenário da formação da identidade sexual dos jovens, a escola, a família, os pares e os meios de comunicação concorrem para a consolidação de conhecimentos que estruturam as suas práticas.

No que tange à escola, e seus parâmetros, a educação sexual encontra respaldo através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A proposta dos PCN é a de uma abordagem transversal da sexualidade: “Por tratarem de questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los” (BRASIL, 1997). Segundo Altmann (2001), a reintrodução da temática da sexualidade no contexto escolar pelos PCN, sob a nomenclatura de Orientação Sexual, faz parte de um projeto político-pedagógico de Estado, haja vista que a crescente incidência das DST e gravidez precoce entre os adolescentes alçaram a sexualidade a um problema de saúde pública que necessita de intervenção governamental. Há na literatura questionamentos quanto ao uso do termo “orientação sexual” conforme encontrado nos PCN. Altmann (2007) esclarece que campo dos estudos de gênero e sexualidade o termo “orientação sexual” serve para designar a expressão do desejo. Enquanto o termo “educação sexual” considera-se mais adequado aos direcionamentos pedagógicos da sexualidade na educação escolar formal e não-formal. Nesse sentido, de acordo com as proposições de Dinis e Asinelli-Luz (2007), neste artigo opta-se pelo uso do termo a educação sexual se conduz através de questionamentos de modo a permitir construções e desconstruções dos padrões hegemônicos da sexualidade.

Na busca por novas práticas de ensino, formal e não-formal de Ciências e de Saúde, os meios de comunicação também são constantemente problematizados neste

cenário. A velocidade com que as tecnologias da informação avançaram na sociedade contemporânea impõe um novo paradigma de sociabilidade nos relacionamentos ressignificando o “estar no mundo” com a circularidade da informação através do acesso às tecnologias de comunicação. No âmbito da escola, segundo Martín-Barbero (2000), os usos das tecnologias precisam superar a visão instrumental dos meios de comunicação passando a outra visão: a de reconhecimento dos meios como mediadores culturais produtores de informação e conhecimento, tendo a informação um papel fundamental no desenvolvimento social para a formação de jovens cidadãos conscientes da importância do respeito às diferenças. Nesse sentido, a experiência com os meios de comunicação na contemporaneidade se apresenta plural. A diversidade e os usos dos meios de comunicação são plurais, seja no uso da televisão e rádio – com características de experiência coletivizada; seja com o uso das mídias sociais, internet e mídia impressa que individualizam a experiência social com os meios de comunicação. Segundo Orozco-Gómez (2006), essas pluralidades de experiências com os meios de comunicação não são excludentes, podendo ocorrer uma complementação de saberes entre as formas de comunicação da imprensa escrita e as tecnologias que proporcionam a interatividade e participação social na expressão de opiniões e produção de conteúdo.

Em âmbito escolar os usos dos meios em sala de aula capacitariam os alunos para a formação de consciência crítica, com uma leitura mais apurada dos modos de enunciação discursiva estimulando a participação dos jovens no cenário social brasileiro. Para Martín-Barbero (1995), a popularização das tecnologias da informação não garante a independência e altivez de pensamento, de modo a formar gerações mais conscientes ou reflexivas. A diferenciação feita através dos meios de comunicação na distribuição do capital do conhecimento cria uma hierarquia social nas instâncias de poder, restringindo a participação social na cultura. A distribuição do conhecimento que tece a realidade é hierarquizada, e o acesso às tecnologias da informação não necessariamente asseguram a criticidade. A perspectiva dos meios de comunicação adotada neste estudo, portanto, não se limita a uma definição de aparato tecnológico, mas busca uma concepção ampliada dos *meios* como transformadores da cultura popular em cultura de massa, mediadores da cultura e da vida cotidiana, encontrando nos estudos de Martín-Barbero um referencial teórico privilegiado para o desenho do plano de atividades apresentado. Nesse sentido, as revistas femininas juvenis, adquirem um significado de mediação cultural, pois os seus discursos representam um sistema de significados, em que o comportamento humano é entendido em sua ação simbólica.

Retomando a cultura a partir das suas *mediações* podemos concebê-la como a sistematização de valores e ideologias representando as distintas realidades sociais (GEERTZ, 1989; DA MATTA, 1993). Portanto, de acordo com Martín-Barbero (2003), entende-se a recepção como um *lugar* de onde são negociadas e construídas as práticas discursivas através das quais se evidenciam as relações de poder.

I - DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

PLANO DE ATIVIDADE COM REVISTAS FEMININAS JUVENIS: O COMO FAZER

A proposta desenvolvida com as “Revistas Femininas Juvenis” compreende um conjunto de atividades, de caráter não-formal, que têm como objetivo subsidiar a abordagem da sexualidade no ensino de ciências, fomentando uma discussão sobre o corpo e os marcadores da iniciação sexual como um dos produtos da cultura juvenil. Estes são elementos diretamente interligados à fisiologia como um conteúdo previsto nos livros didáticos² (DE CICCIO, 2012) e às questões de prevenção da saúde sexual e reprodutiva presentes no âmbito das políticas públicas de saúde. O enfoque desta proposta, desenvolvidas a partir das percepções dos escolares, potencialmente fornece aos professores elementos para uma maior contextualização dos temas abordados, e previstos nos parâmetros curriculares nacionais, correlacionando-os ao conteúdo do ensino formal e curricular. Constitui-se ainda, portanto, como elemento facilitador na identificação de lacunas no conhecimento a partir das construções sobre o corpo, gênero e sexualidade. O objetivo principal durante o planejamento das atividades era trabalhar as concepções sobre reprodução, relações de gênero e práticas sexuais dos escolares.

As estratégias metodológicas aqui descritas foram se delineamento a partir da interação com os alunos na escola. De modo a possibilitar uma apreensão do circuito comunicativo da iniciação sexual, ou seja, os modos de enunciação dos discursos sociais expressos em torno da sexualidade juvenil articulados, por sua vez, ao discurso científico. Com o enfoque na apreensão do circuito comunicativo, como um processo indissociável entre produção-circulação-recepção, no desenvolvimento das estratégias metodológicas buscou-se atender ao pressuposto teórico-metodológico dos Estudos de

² Potencialidades e limites do ensino das doenças sexualmente transmissíveis: um estudo qualitativo na perspectiva socioantropológica, dissertação de Roberta Ribeiro De Cicco, defendida em 2012 pelo Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde IOC/FIOCRUZ.

Recepção⁽³⁾, como norteador do desenvolvimento do trabalho de campo. Através das atividades propostas, as revistas demonstraram alcançar êxito no diálogo com os jovens escolares. A linguagem empregada por este meio de comunicação se mostrou potencialmente viável para o desenvolvimento de atividades não-formais no ensino de biociências e saúde. Com a possibilidade de adoção da metodologia em atividades complementares para a Educação em Saúde articuladas entre a escola e unidades de saúde que visem manter programas de Educação Sexual em unidades de saúde, como exemplo.

Cabe ressaltar que para o desenvolvimento da metodologia com as revistas fez-se necessário disponibilizar aproximadamente quatro tempos de aula para o cumprimento de todas as atividades. No decorrer do desenvolvimento metodológico observou-se de que o professor ou profissional de saúde, que se disponha a adotar esta metodologia, deve atentar-se para a mediação de alguns aspectos ou curiosidades que surjam em decorrência da temática. Em especial no que se refere ao uso de palavras gratuitamente por parte dos alunos; bem como às perguntas de cunho pessoal sobre a vida sexo-afetiva de colegas ou mesmo do mediador. Considerando pertinente a pactuação de limites para que não se perca o foco da atividade.

ATIVIDADE 1: “Saco sem-vergonha” e “O que é sexualidade?”⁽⁴⁾

- **OBJETIVO ESPECÍFICO:** Conhecer as percepções que os alunos têm sobre sexualidade e saber as principais dúvidas que os alunos têm sobre o tema.
- **DURAÇÃO:** Tempo regulamentar de aula.
- **DINÂMICA DA ATIVIDADE:** Solicitar aos alunos que deem as suas próprias definições sobre o que é sexualidade.
- Anotar as definições dos alunos na lousa ou peça que os mesmos as escrevam em folhas de papel.
- Esgotadas as definições, apresente-lhes o “Saco sem-vergonha”.

³ A perspectiva dos meios de comunicação adotada neste estudo não se limita a uma definição de aparato tecnológico, mas busca uma concepção ampliada dos meios como transformadores da cultura popular em cultura de massa, mediadores da cultura e da vida cotidiana. Os estudos de Martín-Barbero constituem o principal referencial teórico adotado neste estudo.

⁴ Os materiais de apoio necessários para a realização das atividades são: cartolinas, colas, tesouras e exemplares de revistas femininas juvenis tais como: Capricho e Atrevida. E ainda, um pequeno saco de tecido, ou outro recurso similar, para servir de “Saco sem-vergonha”.

- Proponha que eles escrevam em pedaços de papéis quaisquer dúvidas que tenham e desejem saber sobre sexualidade, e as depositem no “Saco sem-vergonha”.
- Esclarecer que as dúvidas devem ser depositadas anonimamente no ‘saco’.
- Os alunos terão cinco minutos para escreverem as perguntas e em seguida passe o “Saco sem-vergonha”.

Na Atividade 1 “Saco sem-vergonha” e “O que é sexualidade?”, a proposta central esteve na busca pelo conhecimento da realidade dos alunos nos espaços de socialização. As atividades estruturadas tais como as do **“Saco sem-vergonha”** e **“O que é sexualidade?”** contribuiram para se estabelecer uma relação de confiança com os alunos. A atividade do “O que é sexualidade?” consistia em pergunta aberta para que os alunos pudessem exprimir livremente as suas opiniões sobre o tema. A pergunta proposta sobre o que seria sexualidade foi uma forma de adentrar o universo simbólico daqueles meninos e meninas. As perguntas serviram para compreender melhor quais eram as suas percepções e conhecimentos sobre o tema, haja vista que os alunos já haviam estudado o assunto da sexualidade nas aulas de ciências com aulas expositivas e com o auxílio do livro didático.

A atividade do **“Saco sem-vergonha”** consistia em os alunos depositarem quaisquer dúvidas que tivessem sobre sexualidade. Cabe ressaltar que os alunos puderam colocar as suas dúvidas sem se identificarem. A saber, estas foram algumas das perguntas dos alunos depositadas no saco sem-vergonha: “Ser sapatão como certas pessoas é ruim? *Homossexualismo* é malvisto pela sociedade? Quando perdemos nossa virgindade vai sangrar? Quando nós estivermos em nossa relação sexual se não tivermos tesão dói? Se masturbar na adolescência traz problema? Por que sai a goza? O sexo anal é melhor que o vaginal? Por que o homem broxa? Por que quando a menina é virgem, os meninos não gostam de usar camisinha na hora de tirar a virgindade dela? Por que o sentimento do homem se resume em sexo?”

Os questionamentos, produto do “Saco sem-vergonha”, foram organizados em categorias, da mesma forma que os textos das revistas. As seguintes categorias “Conquista Amorosa”, “Relacionamento Afetivo” e “Práticas Sexuais” foram utilizadas

para a classificação e análise das revistas *Capricho* e *Atrevida* ⁽⁵⁾. Em virtude da natureza das perguntas surgidas da atividade do Saco sem-vergonha, essas categorias sofreram alterações e as perguntas dos alunos foram categorizadas como: a) Reprodução; b) Identidade; c) Práticas Sexuais; d) Preferência/ Conquista Amorosa/ Relacionamento Afetivo.

ATIVIDADE 2: “PRODUÇÃO DE CARTAZES” TURMA A

- **OBJETIVO ESPECÍFICO:** Articular as dúvidas dos alunos com os conteúdos das revistas nas seções sobre “**sexo**” das mesmas. É neste momento que os alunos têm a oportunidade de articularem seus conhecimentos e concepções a leitura das revistas, porque vão buscar nelas as respostas para suas dúvidas.
- **DURAÇÃO:** Serão necessários dois tempos de aula.
- **PREPARAÇÃO DA ATIVIDADE:**
 1. Selecionar seis exemplares de revistas *Capricho* e *Atrevida*;
 2. Separar as seções sobre “**sexo**” das revistas. Analisar o conteúdo das revistas e dividi-las em categorias, enfocando os pontos principais dos temas referentes à sexualidade;
 3. Fazer cópias coloridas das seções, pelo menos duas de cada;
 4. Ler previamente as perguntas depositadas no “Saco sem-vergonha” e classificá-las nas seguintes categorias: a) Reprodução; b) Identidade; c) Práticas Sexuais; d) Preferência/ Conquista Amorosa/ Relacionamento Afetivo. Ou outra categoria que surja a partir das perguntas dos alunos.
 5. Digitar as perguntas usando letras grandes e após a impressão recortar as mesmas para que fiquem separadas das demais.
- **DINÂMICA DA ATIVIDADE:**
 - Dividir a turma em grupos de cinco alunos;

⁵ O uso das categorias de classificação das matérias das revistas se baseou no trabalho de Daniela Barsotti Santos, cujo trabalho encontra-se na dissertação intitulada: “Ideais de mulher: Estética, visão de corpo e de relações afetivo-sexuais veiculados pela mídia escrita em revistas direcionadas ao público jovem no contexto brasileiro”. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, defendida no ano de 2006, 370 páginas.

- Distribuir duas cópias das seções das revistas *Capricho* e *Atrevida* por grupo e os demais materiais (listados no tópico seguinte);
- Explicar a proposta da atividade e deixar os alunos produzirem os cartazes.
- Distribuir material de apoio

ATIVIDADE 3: “PRODUÇÃO DE CARTAZES” TURMA B

- **OBJETIVO ESPECÍFICO:** Trabalhar as concepções de corpo e sexualidade através das imagens das revistas utilizando perguntas-chave para serem respondidas e estas perguntas estarão em consonância com o conjunto de dúvidas resultantes do “Saco sem-vergonha” e que foram divididas em categorias.
- **DURAÇÃO:** Serão necessários dois tempos de aula.
- **PREPARAÇÃO DA ATIVIDADE:** Com base nas dúvidas que surgiram do “Saco sem-vergonha” foram elaboradas perguntas-chave provenientes de cada uma das quatro categorias (a) Reprodução; b) Identidade; c) Práticas Sexuais; d) Preferência/ Conquista Amorosa/ Relacionamento Afetivo). Quais sejam: “Qual o parceiro ideal?”, “Escolha qual a melhor imagem representa você”, “Quem leva a camisinha para o primeiro encontro” e “O que você espera que aconteça na primeira vez em que fica com alguém?”;
- Imprimir quatro cópias de cada uma das perguntas e recortá-las individualmente e depois colar essas perguntas em fichas (ou cartolinas) para que fiquem mais resistentes ao manuseio;
- Selecionar os oito exemplares das revistas, sendo quatro de cada.
- **DINÂMICA DA ATIVIDADE:** Explicar a proposta da atividade aos alunos;
- Ofertar as revistas livremente, permitindo que os mesmos escolham aqueles exemplares com que desejem trabalhar;
- Distribuir o material de apoio.

As Atividades 2 e 3 relativas à “Produção de Cartazes” constituem-se na dinâmica primordial do conjunto de propostas na adoção do plano de atividades **“Revistas Femininas Juvenis como Recurso Didático”**. Considerou-se fundamental a leitura e

classificação dos discursos sociais das revistas nas duas atividades de Produção de Cartazes. Essa classificação dos conteúdos das revistas proporcionou uma leitura crítica dos discursos produzidos nas revistas acerca das temáticas relativas à iniciação sexual. Este conhecimento permite ao educador avançar não somente no planejamento da atividade. Sobretudo capacita o mediador a direcionar e deflagrar algumas discussões de modo a aguçar a criticidade dos alunos sobre a vivência da sexualidade, questionando posicionamentos acerca das relações de gênero disseminadas nas revistas femininas juvenis. Dessa forma, o quadro sinóptico abaixo ilustra o procedimento para o levantamento e análise da produção textual das revistas femininas juvenis utilizadas. Os apontamentos do item 8 do quadro sinóptico exemplifica o conjunto de análise ampla das revistas e descrita na dissertação.

Tabela 1: Revista Capricho categoria “Relacionamento Afetivo”

Fonte: Capricho, Terapia, Janeiro 2011, nº 1114, p. 75.

1. Categoria	Relacionamento Afetivo
2. Título	“Meu ficante tem namorada”.
3. Temática	Namorar/sentimento.
4. Descrição	Um pedido de ajuda o relacionamento enviado por uma adolescente, na qual se têm a opinião de duas especialistas e um relato de experiência de uma adolescente que viveu situação semelhante.
5. Trecho do Texto	“Eu também fiquei com um menino comprometido. Quando descobri que ele tinha namorada, ele jurou que ia terminar. (...) então, o conselho que te dou é: se conseguir, não fique com ele!”.
6. Tipo de texto	Relato de experiência com fotos ilustração.
7. Fontes consultadas (Discurso do especialista)	Laura Folgueira. Mirian Goldenberg. Isadora. Ana Maria Zampieri.
8. Análise da produção textual	Neste texto apenas uma profissional conseguiu relativizar a situação e aconselhar a garota a esperar e ver o que acontece. As outras opiniões tenderam a julgar o desejo da menina em continuar investindo na relação.

A “**Produção de Cartazes**” consiste na atividade que se propõe a desenvolver junto aos alunos as dinâmicas com as revistas femininas juvenis. Manuseá-las, recortá-las, e imprimirem os seus sentidos àqueles textos e imagens era o propósito da criação

dos estudantes. As categorias de análise a) Reprodução; b) Identidade; c) Práticas Sexuais; d) Preferência/ Conquista Amorosa/ Relacionamento Afetivo. Estas categorias que surgiram para ordenar as perguntas do “Saco sem-vergonha” foram novamente acionadas para o uso contextualizado das revistas em diálogo com as dúvidas anteriormente esboçadas. A utilização das revistas como um recurso didático em sala de aula gerou atividades distintas nas duas turmas participantes.

Na turma “A” em que foi aplicada a metodologia da “atividade 2” as perguntas classificadas nas categorias previamente descritas, foram digitadas e distribuídas à turma juntamente com cópias coloridas da seção sobre sexo das revistas *Capricho* e *Atrevida*. Os alunos se dividiram em seis grupos e de posse de material como tesoura, cola e cartolinas eram incentivados a buscar as respostas nas seções das revistas disponibilizadas para os grupos. O trabalho em grupo mostrou-se produtivo e rapidamente foram surgindo cartazes coloridos com as respostas encontradas nas revistas ou mesmo escritas por eles. Na turma “B” que desenvolveu a metodologia da “atividade 3”, as perguntas dos alunos foram exploradas sob a ótica das representações corporais. No lugar de trabalharem diretamente com as perguntas procurando por respostas nas páginas das revistas, estes jovens foram convidados a expressarem as suas ideias recortando imagens das revistas. Aos quatro grupos formados nesta turma foram ofertados exemplares completos de *Capricho* e *Atrevida*.

ATIVIDADE 4: GRUPO DE DISCUSSÃO

- **OBJETIVO ESPECÍFICO:** Discutir com um pequeno grupo formado de cinco alunos as concepções e representações construídas por eles a partir da releitura das revistas *Capricho* e *Atrevida*. As concepções, sexualidade, gênero, reprodução e como se articulam ao corpo formando os seus conhecimentos.
- **DURAÇÃO:** Tempo regulamentar de aula, para cada grupo de discussão.
- **PREPARAÇÃO DA ATIVIDADE:** Elaborar roteiro elaborando as questões com base nas categorias que foram usadas na classificação das dúvidas dos alunos, bem como com as representações que surgiram nos cartazes.
- **DINÂMICA DA ATIVIDADE:**
- Escolher os cinco participantes de cada turma para compor o grupo de discussão, buscar equilibrar o número de meninos e meninas em cada grupo;

- A conversa com os alunos será guiada pelo roteiro em torno das representações que aparecerem nos cartazes;
- Realizar dois grupos por turma.

Para a realização do Grupo de Discussão da “atividade 4” os roteiros foram elaborados com base nas categorias utilizadas na atividade da **“Produção de Cartazes”**. Os roteiros dos grupos de discussão foram elaborados usando-se os eixos “Identidade”, “Práticas e reprodução”, “Preferência/conquista amorosa/relacionamento afetivo”. E ainda continham perguntas acerca da validade do uso das revistas como fonte de informação para a educação sexual na ótica dos jovens. Essa lógica de organização permitiu a identificação de momentos de negociação dos significados na produção dos cartazes e também das opiniões mais individualizadas dos participantes. Os grupos tiveram cinco componentes, e a cada um desses foram ofertados de dois a três cartazes produzidos por eles ou pelos colegas. Mediante os trabalhos produzidos as perguntas dirigidas aos participantes, os remetiam aos cartazes.

II – AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO

As possibilidades surgidas em decorrência do percurso metodológico aqui descrito indicam alguns caminhos para desdobramentos futuros do uso da metodologia experimentada em interface às práticas educativas relacionadas ao tema e os meios de comunicação social. Para analisarmos os limites e as possibilidades da metodologia construída, considera-se importante retomar alguns pontos do contexto de realização do estudo. O percurso metodológico apontou que a consideração dos conhecimentos dos jovens, e a expressão de suas dúvidas, foram fundamentais na sustentação da proposta.

O conhecimento e o diálogo com a realidade dos alunos demonstrou ser importante para viabilizar o uso contextualizado das revistas, promovendo a problematização dos principais elementos culturais e/ou fisiológicos que estruturam a iniciação sexual. Em outras palavras, a forma como a atividade com as revistas pode ser incorporada às práticas do ensino de ciências, ou transversalmente, caberá ao educador, buscando se adequar as diferentes realidades e demandas identificáveis através de suas dúvidas variando, pelos traços que caracterizam a experiência sexual ou por conhecimento de métodos contraceptivos, como exemplo.

A aplicação das atividades com as revistas permitiu vê-las operando a *mediação* entre realidades, saberes e práticas, assim como na dissolução das diferenças, encobrendo e negando-as (MARTÍN-BARBERO, 2003). As concepções trazidas pelos alunos sobre seus corpos nos indicam uma vertente a ser explorada por educadores que se disponham incorporar esta metodologia de trabalho, neste caso com as revistas, à sua prática docente. Algumas concepções equivocadas sobre a fisiologia dos corpos, do ponto de vista biológico, podem ser “ajustadas” ou retomadas após a “Produção de Cartazes”. Assim, os alunos terão a oportunidade de construir as suas leituras das revistas ao mesmo tempo em que estarão consolidando o conhecimento adquirido nas aulas formais sobre o tema.

Desta forma, a metodologia de trabalho também poderia auxiliar o educador na identificação dos pontos que os alunos mais têm dúvidas, e como estas se sobrepõem ao conhecimento científico exprimindo lacunas no aprendizado e nos conteúdos curriculares previstos. Como a participação do professor não foi prevista inicialmente, não será possível discutir como a introdução da metodologia desenvolvida contribuiu, do ponto de vista do educador, para a consolidação e aumento de conhecimento dos alunos envolvidos no estudo. Contudo, conforme sugerem as falas dos próprios alunos, as atividades com as revistas se mostraram fundamentais para aprofundar os conhecimentos adquiridos nas aulas de ciências, uma vez que o conteúdo das aulas era retomado pelos próprios alunos ao formularem suas dúvidas através do “Saco sem-vergonha” e trabalhá-las na sequência das atividades.

Eu acho que deu pra aprender sim. Igual a mim, eu fiz várias perguntas (no saco sem-vergonha), nem todas foram equalizadas, mas quando eu estava fazendo o trabalho eu fui a várias mesas, tinham perguntas interessantes, e aí eu li e memorizei as respostas (Aluno, 13 anos).

Embora os alunos conheçam as diferenças socioeconômicas e culturais que os diferenciam dos meninos e meninas ricos e famosas, podemos perceber a convergência de realidades no que tange aos dilemas do início da vida sexual. Assim, os pares ocupam um lugar central na rede de relacionamentos para meninos e meninas, constituindo-se em segura fonte de informação na qual recorrem para tirarem dúvidas e trocarem confidências sobre namoros e práticas sexuais. Em que se conclui que as revistas também têm o seu lugar nessa rede. Em especial quando são comparadas por algumas estudantes como uma amiga a quem recorrem para

esclarecer dúvidas, talvez àquelas dúvidas que nem as amigas de verdade consigam responder.

Na revista você tem mais interesse de aprender do que no livro de uma escola, porque eu acho que as palavras, as falas, são do jeito que você quer ouvir, as do livro não, são muito formais. Na revista não, é de um jeito bem juventude, bem jovem. Então, acho que esses assuntos ali ficam mais interessantes do que ler o livro (Aluna, 15 anos).

Assim como os alunos criticam as revistas também apontam as limitações da metodologia de ensino formal que, nesta escola, estava centrada no uso do livro didático. Podemos supor que a linguagem empregada pelas revistas, e transpostas nas atividades, foi um diferencial mais de uma vez apontado pelos alunos para justificarem o interesse e a ampliação de conhecimentos sobre as práticas sexuais.

Conforme as análises críticas nos informaram, nas revistas encontramos uma gama de exemplos de reforços de estereótipos de gênero e sexualidade. Por isso, ressalta-se a importância de leituras prévias do material a ser introduzido, para selecionar os textos (ou seções) a serem trabalhados. É fundamental que o educador saiba quais aspectos conceituais e concepções deseja enfatizar. Embora este estudo não contemple o conteúdo do ensino formal de ciências do 8º ano do Ensino Fundamental, considera-se ser viável uma maior articulação entre o conteúdo formal e a atividade não formal aqui proposta.

Cabe considerar que modificações e adequações a cada contexto desta proposta são desejáveis variando de acordo com a trajetória dos educadores nela envolvidos. Outros desafios e limites da ordem da integração dos saberes foram elencados com base na experiência vivida com os alunos, dentro os quais se destacam:

1. A algazarra nas turmas toma boa parte do tempo disponível para a execução da atividade. A estratégia do “telefone sem fio” foi adotada para atrair a atenção dos alunos. A fim de ganhar tempo, explicava-se a tarefa para um componente do grupo que se encarregava de repassar a informação aos demais colegas.
2. A produção de cartazes permite potencialmente um aprofundamento dos temas (questionar, problematizar) mais produtivos de acordo com cada contexto.

3. A atividade “O que é sexualidade?” não permite, por si só, extrair concepções mais elaboradas dos alunos pela dispersão da turma. Sugere-se, em continuidade, que seja solicitado adicionalmente aos alunos escreverem o que entendem por sexualidade, para um melhor registro das informações e posterior análise, sendo em seguida apresentado o “Saco sem-vergonha”.

Por fim, a educação sexual na qual se entende ser viável, tendo em vista a utilização de recursos pedagógicos apropriados, deve priorizar a discussão da diversidade sexual, as diferenças de gênero de uma perspectiva construtivista em que se enfatizem os direitos sexuais e o respeito às diferenças. Na tentativa de conferir autonomia aos sujeitos e dirimindo os efeitos corrosivos do preconceito, da intolerância e da crescente violência pelos quais sofrem muitos jovens dentro e fora das escolas. Entende-se que a articulação dos discursos científicos, populares, familiares, religiosos, que compõem o repertório de conhecimentos dos alunos sobre os modos de iniciação sexual, são manifestações culturais que merecem atenção no desenvolvimento de atividades que visem à integração dos saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades com as revistas caracterizou-se como um momento em que os alunos puderam acionar os conhecimentos sobre corpo e sexualidade adquiridos com as aulas de ciências no contexto da escola. Também observado a emergência de crenças, concepções e valores adquiridos por intermédio da cultura. Com o total das atividades desenvolvidas oportunizou-se diferentes modos de negociação dos sentidos na elaboração das respostas. O uso de Revista desenvolveu-se a partir do pressuposto de uso dos *meios* na produção de sentidos, funcionando como mediação para a educação sexual dos jovens.

Apontar os limites e possibilidades do uso da atividade com as revistas no ensino de ciência visa contemplar os educadores com a sistematização das dinâmicas, apresentando o “Plano de Atividade: Revistas femininas juvenis como recurso didático”. Nesta direção limites relacionados a este recurso foram observados. Apesar das revistas terem apresentado a capacidade de circulação e produção de conhecimento por nelas encontrarmos estampadas representações hegemônicas sobre o corpo sexualidade como um reflexo em nossa cultura,

entendemos também que as revistas femininas juvenis não ocupam um lugar central no imaginário desses adolescentes. Nesse sentido, a importância desse meio de comunicação será melhor compreendida ao se fazer a leitura do contexto social em que está inserido. Por outro lado, mesmo que as representações hegemônicas pautadas no gênero reforcem estereótipos e perpetuem desigualdades, as revistas vêm sendo recorridas pelos jovens, evidenciando seu caráter pedagógico. O lugar que as revistas ocupam na rede comunicativa desses jovens, é periférico, assumindo seu caráter complementar em saberes que circulam no contexto da escola.

Por estas razões, defendemos o uso contextualizado das revistas femininas juvenis como atividade complementar ao ensino de ciências com vistas a articular o conhecimento científico e popular não somente no aprendizado do corpo que, sem dúvida despertam o interesse dos alunos, mas também para o entendimento de questões culturais que concorrem para as atitudes e comportamentos, contribuindo para a dissolução de preconceitos e estereótipos persistentes na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, HELENA. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Rev. Estud. Fem.** v.9, n.2, p. 575-585. 2001.

_____. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. **Educ. rev.**, n. 46, p. 287-310, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982007000200012>.

BOZON, MICHEL. **Sociologia da Sexualidade**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, 172p.

BOZON, MICHEL.; HEILBORN, MARIA LUIZA. “Iniciação à Sexualidade: Modos de Socialização, Interações de Gênero e Trajetórias Individuais”. In: HEILBORN, ML *et al* (org.). **O Aprendizado da Sexualidade: reprodução e trajetórias sociais dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e FIOCRUZ, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos Temas Transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

- BRITZMAN, DEBORAH. Curiosidades, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CEZAR, Bartira dos Reis Rocha Cezar. Corpo, sexualidade, gênero e mediações culturais em revistas femininas juvenis: possibilidades de uso para o ensino não-formal. 2013. Dissertação (Mestrado em Ensino de Biociências em Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz – Fiocruz/CAPES.
- DA MATTA, ROBERTO. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1993.
- DE CICCO, ROBERTA RIBEIRO. **Potencialidades e limites do ensino das doenças sexualmente transmissíveis: um estudo qualitativo na perspectiva socioantropológica** [Dissertação de Mestrado- PPGEBBS]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz; 2012. 206 p.
- DINIS, NILSON.; ASINELLI-LUZ, ARACI. **Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. Educar**, Curitiba: Editora UFPR, 2007.
- DINIS, NILSON F.; CAVALCANTI, ROBERTA F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072008000200008>.
- GADOTTI, MOACIR. **A Questão da Educação Formal/ Não-Formal**. www.paulo.freire.org/pub/Institu/Substitucional203023491lt003PS02/Educação, 2005. Pdf
- GEERTZ, CLIFFORD. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GESSER, MARIVETE; OLTRAMARI, LEANDRO CASTRO; CORD, DENISE e NUERNBERG, Adriano Henrique. Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. **Psicol. Esc. Educ.** [online]. 2012, vol.16, n.2, pp. 229-236. ISSN 1413-8557. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000200005>. Acesso em 15 maio 2014.
- HEILBORN, MARIA LUIZA. Entre as tramas da sexualidade brasileira. Revista **Estudos Feministas**, 14(1): 336, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, JÉSUS. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- _____. Desafios Culturais da Comunicação à Educação. **Rev. Comunicação & Educação**. São Paulo: USP, v.18, p .51-61, 2000.
- _____. América Latina e os Anos Recentes: O Estudo da Recepção em Comunicação Social. In: SOUZA, Mauro Wilton de.(org).**Sujeito, O Lado Oculto do Receptor**. São Paulo. Editora Brasiliense S.A. p. 39-70, 1995.

NARDI, R., ALMEIDA, M.J.P.M. de. Investigação em Ensino de Ciências no Brasil segundo pesquisadores da área: alguns fatores que lhe deram origem. **Pro-posições**, v.18, n.1 (52)- jan./abr., 2007.

OROZCO-GÓMEZ, GUILLERMO. Os meios de comunicação de massa na era da Internet. **Comunicação e Educação**, v.11, n.3, p.373-378, 2006.

QUIRINO, GLAUBERTO S.; ROCHA, JOÃO BATISTA T. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educ. rev.**, n. 43, mar. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602012000100014>.

REVISTA CAPRICHOS. Editora Abril: São Paulo, nº1114, Janeiro/2011.

ROHDEN, FABÍOLA. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 157-174, 2009.